

LEMBRANÇAS DE FARIAS BRITO

MÁRIO LINHARES

Guardo de FARIAS BRITO uma lembrança rápida mas impercível. JACKSON DE FIGUEIREDO levou-me, numa noite de janeiro de 1917, a sua casa, à rua da Alegria, em São Cristóvão, no Rio, com a recomendação especial de ser uma visita breve, para não agravar o seu mal. Já estava êle prostrado no leito. Apresentado, ergueu um pouco a cabeça sôbre o travesseiro, recebeu-me com um sorriso de cordial simpatia. Recordou o Ceará com palavras de infinita saudade e ternura. Seus olhos tinham estranho brilho. Parecia querer reavivar no coração a imagem da terra distante. Durante cinco inolvidáveis minutos, de pé, silencioso, com unção religiosa, ouvi o Mestre, no crepúsculo de sua grande vida. Sua voz era lenta e fatigada pela extrema fraqueza. A um sinal de JACKSON, despedi-me. Fora, na rua, meu ilustre companheiro dizia-me com tristeza: — “Infelizmente, o nosso FARIAS está no fim. Será uma perda imensa. Nenhuma mentalidade o superou no campo da Filosofia, neste país. Um dia ser-lhe-á feita a devida justiça.”

Realmente, alguns dias depois falecia FARIAS BRITO, cobrindo-se de luto a cultura nacional. Foi uma grande luz que se apagou.

Filho de pais humildes, nasceu em São Benedito (Ceará), a 24 de julho de 1862, e faleceu no Rio de Janeiro (GB), a 16 de janeiro de 1917.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Fêz as primeiras letras em Sobral e concluiu os estudos secundários no Liceu Cearense, em 1880. Desejou, então, fazer o curso de engenharia no Rio, mas a falta de recursos fê-lo opinar pelo curso de Direito. Para êsse fim, seu pai teve de mudar-se para Recife onde conseguiu modesto emprêgo de porteiro do Ginásio Pernambucano. Sua mãe passou a fornecer pensões e tratar de engomados aos estudantes. Por sua vez, FARIAS BRITO começou a lecionar em colégios particulares até a sua formatura em 1884. Pertenceu à turma brilhante de FAUSTO CARDOSO, GODOFREDO CUNHA, HOMERO BATISTA, JOSÉ SORIANO DE SOUSA FILHO, J.C. DE SOUSA BANDEIRA, JOÃO COELHO LISBOA e RODOLFO DE ARAÚJO — que tanto se destacaram, mais tarde, na política e nas letras. No mesmo ano regressou com a família ao Ceará. A princípio, estêve como promotor em Viçosa e em Aquirás. Em 1888 foi secretário do Presidente CAIO PRADO. Em 1891, com o General JOSÉ CLARINDO DE QUEIROZ, exerceu idênticas funções. É de sua autoria o célebre manifesto do general deposto. Daí por diante FARIAS BRITO dedica-se inteiramente à sua atividade de professor e entrega-se aos seus estudos de filosofia. Com a morte de seu pai, em 1901, passa a residir em Belém do Pará onde se fêz professor da Faculdade de Direito. Em 1909, vem ao Rio e submete-se a concurso para a cadeira de Lógica no Colégio Pedro II. Foi classificado em primeiro lugar e EUCLIDES DA CUNHA em segundo. RIO BRANCO comete uma grave injustiça, fazendo com que EUCLIDES fôsse nomeado. Essa clamorosa preterição choca-o e abala profundamente a sua saúde. Da extensão dêsse golpe moral fala êle em carta a JACKSON DE FIGUEIREDO, a qual é um impressionante documento psicológico. Com a morte de EUCLIDES DA CUNHA, requer FARIAS a sua nomeação para o cargo conquistado em memorável concurso, havia um mês atrás. A vista de judicioso parecer de SÍLVIO ROMERO, vê FARIAS o seu direito reivindicado, com a sua imediata nomeação. Em 1916, cedendo a instâncias de amigos, fêz-se candidato à Academia Brasileira de Letras, concorrendo à vaga de SÍLVIO ROMERO. No pleito é, com surprêsa geral, vencido por OSÓRIO DUQUE ESTRADA, figura secundária em nossas letras. Em “O Panfleto” (1916), com o pseudônimo de MARCOS JOSÉ, que re-

flete a sua revolta, zurze êle as nossas mazelas sociais. Foi uma publicação contrária à índole do filósofo e que ficou no primeiro fascículo. Em janeiro de 1917, agravando-se o seu estado de saúde, falece o mais original e brilhante dos nossos pensadores.

O primeiro livro de FARIAS BRITO foi "Cantos Modernos", versos da juventude, inflamados dos ideais republicanos e abolicionistas, publicado em 1889. O próprio autor explica a razão de ser do trabalho: "Êsses versos foram escritos em um tempo em que estive perto de quatro anos no interior como promotor público, a princípio, na comarca de Viçosa, depois na comarca de Aquirás, no Ceará. O povo com quem vivia era hospitaleiro e bom; a vida, calma e tranqüila; e eu, não podendo estudar porque não tinha livros, nem tendo em que ocupar-me porque eram, a êsse tempo, limitadíssimos os meus trabalhos de fóro, enchia o tempo a fazer versos, cousa, aliás, para que nunca tive vocação, nem jeito, porque bem sei que no verso o que mais importa é a forma, e foi sempre tendência minha considerar secundárias as questões de forma, sendo que o que deve prevalecer é a idéia, isto é, o elemento substancial e fundamental. Também mais de uma pessoa a quem tenho oferecido os tais versos, me têm feito sentir que o que ali sobressai é a preocupação filosófica. Outros afirmam: a introdução vale mais que todo o livro. Daí a dedução natural a tirar, é que os versos nada valem. É o que penso; mas tudo isto se explica pelo fato de que a filosofia foi sempre a paixão de minha vida. E se, no pequeno livro a que dei o título de "Cantos Modernos", existe algum valor, penso eu que consiste unicamente no fato de que nêles já está, se bem que muito imperceptivelmente, a idéia que faz o objeto do presente trabalho. Esta idéia me domina, esta idéia me absorve todo inteiro, a tal ponto que não há cousa alguma em minha vida, nem pensamento, nem ação, que não venha dela." ("Finalidade do Mundo", págs. 101 e 102.)

O filósofo cearense teve o toque divinatório da poesia. A poesia e a filosofia pairam igualmente nas superiores regiões do pensamento. O poeta e o filósofo são irmãos gêmeos. Ambos se tocam e se elevam aos píncaros do ideal, impelidos

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

pelos mesmos sentimentos e aspirações. É, por exemplo, o caso de DANTE no "Paraíso". "Há certamente — diz FARIAS BRITO — muita analogia entre a filosofia e a poesia; ambas nascem das mesmas fontes ocultas do espírito; e demais, se a poesia é, como se sabe, a expressão mais completa do sentimento do Belo, acontece que a filosofia é o que há de mais belo no mundo." E conclui assim o seu ponto de vista: "A poesia é apenas uma espécie de contemplação estética; a filosofia é o princípio mesmo de atividade do pensamento; é, por assim dizer, a árvore de que nasce, como um fruto, a ciência; é a consciência refletindo a natureza, é, numa palavra, a operação fundamental do pensamento."

Estava traçado o seu destino. O poeta-filósofo tinha o caminho aberto às mais altas cogitações metafísicas, em surtos que o levariam à consagração, entre os maiores pensadores no Brasil. Discípulo de TOBIAS BARRETO, não se prendeu às idéias do naturalismo especulativo que fez a Escola do Recife. Reagiu contra a corrente materialista de seu tempo, opondo ao "primado da natureza" o "primado do espírito", como fundamento filosófico do movimento intelectual que inauguraria a renovação do espiritualismo no domínio do pensamento nacional.

Falando de BERGSON, o Cardeal CEREJEIRA, na sua conferência sobre "Da Universalidade de Coimbra à Universalidade Católica (Missão da Cultura Contemporânea)", disse: "Contra a ditadura do racionalismo científico que escraviza os espíritos, todo o seu fulgurante ensino se empenhou (como no Brasil o de FARIAS BRITO) em afirmar o valor das evidências e exigências espirituais da vida humana." (1) SÍLVIO ROMERO proclama a magnitude de sua obra. ROCHA POMBO julga que deu êle "um passo adiante de tudo que fôra filosofia até aqui".

Ao "mundo exterior" ligou o "mundo interior" pelo exame introspectivo da consciência, pela auscultação da noção moral e dos sentimentos íntimos que fazem a grandeza do espírito. Pela interpretação do conceito de SÓCRATES — "Filosofar é aprender a morrer" — mostra a insignificância da vida

1) "Revista Verbum", pág. 13, ano IV, fac. I.

humana. A vida é a preparação para a morte, morte sem culpa, tranqüila de si mesma, redimida pela fôrça suprema da virtude.

Estudando os problemas morais, tocado de piedade pelos sofrimentos humanos, a sua filosofia espiritualista como que se alicerça nos princípios da moral cristã. Em tudo há o eflúvio do Evangelho. É certo que êle não era religioso militante, cristão, católico ou inclinado a qualquer outro credo, mas sente-se que o seu espiritualismo, malgrado aquêle spinosismo que LEONEL FRANCA chamou de panpsiquismo, caminha ascensionalmente para a fé, como sublimação de sua vida e de sua obra. Através de seu panteísmo espiritualizado, vê-se bem isto quando diz: "Deus é o que está mais perto de nós e mais diretamente influi sôbre todos os fatos da vida." O problema de Deus e da alma define-se assim: "Há, pois, um princípio último que tudo explica, uma verdade suprema que tudo ilumina: esta verdade é o Deus vivo e real que mantém em equilíbrio o mecanismo do mundo. Mas para conhecê-lo não é necessário recorrer a processos estranhos à ordem da natureza: pelo contrário é observando a natureza que conhecemos a Deus, é na natureza mesma que Deus se revela. E a alma? A alma é a consciência, isto é, a face interna da luz, uma revelação subjetiva da divindade, do mesmo modo que a natureza, com tôdas as suas evoluções e mecanismos, não é senão a sua revelação exterior." E acentua bem: "Negar Deus é negar a razão do mundo." JÔNATAS SERRANO observa que onde FARIAS BRITO se afasta da doutrina cristã é na confusão de Deus como o Cosmos. JACKSON DE FIGUEIREDO disse: "FARIAS BRITO afinal, não é um católico romano, mas está entre muitos que se julgaram bons católicos. Êle não está mais distante do catolicismo do que ZORZI, por exemplo, para quem Deus e a luz eram uma mesma cousa. Sòmente FARIAS BRITO ainda deu à luz um sentido mais espiritual, chamando-a de luz interior, para diferenciá-la da luz exterior."

FARIAS BRITO escreveu a JACKSON a propósito de "Algumas Reflexões": "Daí, para traduzir, de modo mais claro, seu pensamento, esta fórmula: Deus não se prova, mas sente-se: verdade profunda que se torna de uma eloquência irresistível

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no seu modo de dizer, quando avança, em tom categórico, esta proposição que tem alguma cousa do clarão vertiginoso do relâmpago: a consciência é Deus em nós." Em outra parte, conclui: "Pertencemos ambos ao mesmo radical espiritualismo; domina-nos, a ambos, a mesma preocupação moral. Dêste modo, pondo de parte divergências secundárias, mais aparentes que reais, mais técnicas que de princípios, a verdade é que pensamos fundamentalmente do mesmo modo". Se FARIAS BRITO houvesse vivido mais algum tempo, os dois pensadores se entenderiam de todo, unidos pelos mesmos laços de catolicidade.

Os estudos de FARIAS BRITO foram divididos em duas séries: I — sob o título geral de "Finalidade do Mundo": — A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito (1895); A Filosofia Moderna (1899); Evolução e Relatividade (1905); II — sob o título geral de "Ensaio sobre a Filosofia do Espírito": A Verdade como Regra das Ações (1905); A Base Física do Espírito (1912); e o Mundo Interior — (1914). Deixou à publicar: Ensaio sobre o conhecimento e a realidade; Ensaio sobre a Lógica da ação; e Notas e variações sobre assuntos diversos.

A morte surpreendeu-o sem que tivesse completado um dos mais arrojados planos filosóficos dos nossos tempos. Contudo, o que ficou é um monumento grandioso. Suas concepções abarcam tôda a vastidão dos problemas da existência, pela qual — afirma ROCHA POMBO — se pode fazer idéia de que proporções é a única obra que há de ser, perante a posteridade, um testemunho seguro desta vida operosa, bastante por si só para universalizar um grande nome.

Aliás, já antes de sua morte, as suas idéias se espriavam pelo Continente. ROBERTO PATERSON, ilustre sociólogo argentino, em estudo publicado em "La Nación", a 19 de fevereiro de 1917, considerou-o um dos mais austeros filósofos universais.



Estátua de Farias Brito em Fortaleza